

ALUNO CEGO NA EMEF GERMANO LAZARETTI – UM ESTUDO DE CASO ¹

DONAT, CELITA²

BERLESI, VILMA DA SILVA³

SCHMIDT, MÁXIMA GRAZIELLA ORTOLAN⁴

RESUMO

Este texto trata a respeito das experiências relacionadas com as vivências do aluno MGLA, cego congênito, na EMEF Germano Lazaretti. Com vistas a contextualizar o estudo de caso, apresenta-se um breve histórico do Município de Campos de Júlio, bem como da EMEF Germano Lazaretti. Também é apresentado um histórico da vida do aluno sobre o qual se desenvolveu o presente estudo, bem como um levantamento sobre aspectos relativos ao processo de aprendizagem escolar de cegos, chegando aos relatos do cotidiano de MGLA na escolar, tanto na sala regular, quanto na sala de AEE.

Palavras-Chave: Cegueira. Aprendizagem. Inclusão. Vivência.

1. INTRODUÇÃO:

Este artigo aborda a chegada, a acolhida e as condições de aprendizagem e inclusão de um aluno cego numa escola pública do Mato Grosso. A inclusão é uma questão legal que vem sendo gradativamente efetivada nos espaços públicos da sociedade brasileira, mas ainda são muitos os avanços que se fazem necessários. A cegueira impede o contato com o mundo pelo sentido da visão, mas muito se pode interagir, conviver e viver com a utilização de outros sentidos. A inclusão dos alunos cegos no espaço escolar tem como principal objetivo dar as condições para que este indivíduo possa interagir com autonomia com toda a sociedade na qual ele está inserido.

Dessa forma, apresentamos neste trabalho algumas ações que tem sido

¹ Artigo apresentado para o Instituto Educacional Sem Fronteiras- IESF como requisito parcial obrigatório para obtenção do título de especialista em Educação Especial.

² Pós-graduada em Atendimento Educacional Especializado. Pós-graduada em Psicopedagogia. Licenciatura em Pedagogia. Bacharel em Secretariado Executivo Bilingue.

³ Pós-graduação em Atendimento Educacional Especializado. Licenciatura em Pedagogia.

4. Orientadora pelo Instituto Educacional Sem Fronteiras e Faculdades Integradas de Cuiabá.

efetivadas na EMEF Germano Lazaretti, no município de Campos de Júlio, bem como as percepções do aluno, da família, dos profissionais e colegas da escola diante da chegada do aluno MGLA à esta instituição de ensino.

Neste artigo será contextualizada a situação no espaço e tempo histórico, apresentando um pouco da história de Campos de Júlio e da EMEF Germano Lazaretti, apresentar um histórico da vida de MGLA (primeiro aluno com cegueira total a ser atendido no município) sendo que será dada ênfase no período de sua chegada em Campos de Júlio e algumas considerações acerca do processo de aprendizagem e de inclusão do aluno cego, e como o AEE, Atendimento Educacional Especializado pode contribuir para esse processo.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Campos de Júlio é um município jovem, emancipado do município vizinho, Comodoro, desde o ano de 1994. Os primeiros moradores da região foram os colonizadores e desbravadores que vieram iniciar o processo de mecanização e cultivo das terras do município, o governador na época era Júlio José de Campos, em sua homenagem foi nomeado o Município de Campos de Júlio. O início da colonização se deu pela atuação de Valdir Masutti, que intermediou e conduziu famílias sulistas para a região. A primeira escola implantada em Campos de Júlio foi a EE Angelina Franciscon Mazutti e somente no ano de 1998 surgiu a primeira escola municipal, inicialmente nomeada EMEF 13 de Maio e que funcionava na Fazenda Sebben, depois veio a ocupar salas da EEPSEG Angelina Franciscon Mazutti, passando a se localizar na cidade, a qual depois deu origem a EMEF Germano Lazaretti. Inicialmente foi construída uma escola pequena, com apenas quatro salas de aula. Com o passar dos anos e muitas reformas, hoje a EMEF Germano Lazaretti, atende mais de 700 alunos e qual atende estudantes de Educação Infantil (4 e 5 anos) e 1º ao 4º ano do Ensino Fundamental. Até o ano de 2016 não se tinha nenhum registro de indivíduos cegos neste município. MGLA, foi o primeiro aluno cego a ser matriculado na rede municipal de ensino de Campos de Júlio, e não se tem nenhum registro anterior também na rede estadual. Neste trabalho se tem o objetivo de conhecer os caminhos da

aprendizagem escolar para um aluno cego, bem como perceber aspectos gerais da sua inclusão na escola. Também se fará uma reflexão do atual preparo da escola, e dos profissionais que nela atuam, com relação ao aspecto da inclusão, principalmente no que se refere ao aluno MGLA.

3. HISTÓRIA DA VIDA E PERCURSOS ESCOLARES DE MGLA

A genitora do aluno MGLA, na época da gravidez, residia no município de São Miguel/RO. O genitor, também residente na mesma cidade, já tinha quatro filhos antes dele e era bem mais velho do que a mãe, esta era funcionária de uma filha (irmã de MGLA), sendo que o pai nunca deu assistência, nem para a genitora, durante a gravidez ou depois do parto, nem ao filho mesmo havendo as complicações que se apresentaram. Aos seis meses de gestação ocorreu o rompimento da bolsa de líquido amniótico e a grávida foi internada em São Miguel no hospital público Massao Akamoto de onde foi encaminhada para Ji Paraná, e desta cidade para Porto Velho, capital de Rondônia, onde continuou em regime de internação por quatro dias, sendo acompanhada por vários médicos. Não havendo condições de continuar a gestação a genitora foi medicada para induzir o parto, sendo este de alto risco tanto para a mãe como para a criança.

Segundo relato da mãe MGLA nasceu com quadro de saúde considerado grave, cabeça “molinha” pulmão imaturo, e em decorrência das condições do recém-nascido foi pedida a autorização para tomar medicamento para maturar o pulmão e realização dos procedimentos para garantir a vida do bebê e a autorização foi imediata por parte da mãe. Com três dias o pulmão funcionava normalmente, mas a luta pela vida continuou intensa. MGLA ficou trinta dias na UTI. Durante o período, além de receber os cuidados médicos foi garantida a alimentação com o leite materno, que era advindo da própria genitora.

Durante os dias de internação e tratamento, a mãe ouviu várias vezes as enfermeiras fazerem comentários de que não havia muita esperança, mas nunca perdia a esperança de ver seu filho fora de risco e de tê-lo nos braços

A mãe acredita que a cegueira possa ser em decorrência da luz intensa que ele recebeu na incubadora, onde era colocada proteção nos olhos e mãos,

mas MGLA, ao se debater, tirava a proteção e ficava com os olhos expostos à luz.

Nos momentos de angústia, as pessoas internadas, inclusive a mãe de MGLA, frequentavam uma casa de oração que fica anexa ao hospital, onde são alçadas orações e súplicas pelas vidas dos entes queridos e se encontram com problemas de saúde. A mãe conta que, perto da casa de oração, havia um orelhão e a cada vez que tocava era um desespero pois na maioria das vezes era notícia da morte de alguém, mas ela acredita que suas orações foram ouvidas e que Deus permitiu que seu filho sobrevivesse a todas as complicações.

Recebeu alta da UTI e ficou mais trinta dias para ganhar peso e a mãe relatou à pediatra que estranhava os olhos de MGLA, pois só via o branco dos olhos. E a médica disse que ela que era a médica e que não tinha nenhum problema com os olhos, mas que provavelmente seu filho teria problemas de audição.

Depois do ganho de peso, voltaram, mãe e filho, para São Miguel do Guaporé e, na primeira semana em casa ocorreu o vazamento de um dos olhos de MGLA, procurando ajuda médica foram encaminhados para retorno a Porto Velho, onde, finalmente ficou constatada a cegueira. A mãe ficou bastante preocupada, pois nunca antes teve contato com pessoas cegas e não sabia como seria a vida de seu filho, contudo, como havia sofrido muito com a possibilidade de perder seu filho recém-nascido, considerou que, se Deus permitiu essa situação em sua vida, ele também daria forças e direção de como cuidar da criança.

E assim aconteceu, quando o bebê tinha três meses de vida a mãe passou a conviver maritalmente com uma nova pessoa e o esposo assumiu a paternidade do menor. MGLA foi crescendo e, sem considerar a cegueira, seu desenvolvimento ocorreu sem maiores problemas de saúde. Com o devido encaminhamento passou a receber benefício previdenciário. Na perícia realizada no encaminhamento do benefício, foi alegada que, possivelmente, aos doze anos de idade poderia ser realizada uma cirurgia e a criança poderia voltar a ver, o que não se confirmou, uma vez que o menor já completou essa idade e, com nova avaliação de um médico oftalmologista, este constatou que o quadro é definitivo, tendo sido então renovado o benefício.

Com relação à vida escolar do aluno em questão, na idade adequada ele passou a frequentar a escola. A primeira instituição que recebeu MGLA foi a EMEIEF Pinóquio, em Seringueira/RO e a segunda foi a Escola Estadual Deonildo Caragnatto – São Miguel/RO. Conforme relato da mãe, nunca houve um processo de alfabetização adequado na escola, pois não havia professores capacitados e aptos a trabalharem adequadamente com alunos cegos. Mesmo assim, o aluno demonstrou interesse por aprender e passou a receber vários estímulos sensoriais e motor, também desenvolveu conhecimentos escolares os quais aprendia participando de aulas regulares e acompanhava como ouvinte.

No ano de 2015 a família mudou-se para Campos de Júlio em meados do mês de outubro, sendo que as crianças, MGLA e seu irmão mais velho, vieram com transferência das escolas onde estudavam em Rondônia. Contudo MGLA não foi matriculado em nenhuma escola de Campos de Júlio. A mãe alegou que “não queria dar trabalho a ninguém” e por isso não havia procurado matrícula para ele. A motorista do ônibus que transportava alunos da APAE de Campos de Júlio foi quem percebeu que, na casa da família em questão, parecia haver crianças em idade escolar e, por se tratar de um município pequeno, ela acreditava que ele não frequentava nenhuma escola. A motorista se preocupou pois, com seu olhar sensível, apurado inclusive com o cotidiano vivido com crianças especiais, percebeu que MGLA era “diferente” e também que, havia pessoas cadeirantes que viviam na casa. Depois se constatou que eram o padrasto, a quem MGLA considera como pai, e um tio que tinham dificuldades de mobilidade.

Sendo contatada a família e feito um trabalho de conscientização, houve o compromisso de ser matriculado o aluno cego, contudo até esse momento já novembro se findava, sendo que a mãe considerou melhor efetuar a matrícula apenas em 2016.

A chegada de MGLA na EMEF Germano Lazaretti foi anunciada mais de três meses antes dela se efetivar, a matrícula acabou sendo realizada no final de abril e MGLA veio uma tarde para a escola, depois ficou mais alguns dias sem aparecer. Em novo contato a família apresentou a necessidade de que o aluno estudasse

no período matutino em decorrência deles terem se mudado para uma chácara e passarem a necessitar de transporte escolar, o qual só acontecesse no período da manhã. Em maio, finalmente MGLA passou a frequentar a EMEF Germano Lazaretti regularmente. Durante o tempo de espera, todos da escola ficaram aguardando ansiosamente sua chegada. Num primeiro momento, quando finalmente passou a frequentar a escola, o clima foi de curiosidade, tanto por parte dos colegas, alunos de outras turmas, profissionais da escola bem como familiares e visitantes, afinal, era algo inusitado, nunca antes um aluno cego havia estado na instituição.

Desde a vigia do portão, até a direção da escola, todos passaram a ter contato com o aluno e, depois de quebrado o impacto do primeiro contato, foram se encantando com a inteligência e vivacidade do novo aluno.

Para trabalhar as questões pedagógicas e de mobilidade, vários profissionais foram diretamente envolvidos, a saber, o professor regente da sala de aula regular em que o aluno foi matriculado, outra professora que passou a ter o papel de Auxiliar de Desenvolvimento Infantil, professora de educação física, professora de inglês, professor de informática, e as professoras Sandra Maria da Silva e Celita Donat, da Sala de Recursos Multifuncionais para Atendimento Educacional Especializado.

Na sala de aula regular, as atividades eram trabalhadas priorizando-se a oralidade e com a intermediação da auxiliar, sendo que esta, por ter grande experiência com alunos especiais, uma vez que havia trabalhado em Sala de Recursos Multifuncionais há alguns anos anteriores, passou a trabalhar outros aspectos, tais como mobilidade, na escola e no seu entorno, lateralidade, atividades de coordenação motora, bem como a interação com os demais alunos da sala e da escola.

A professora de educação física também desenvolveu atividades novas com o aluno, uma vez que, segundo ele mesmo, nunca havia corrido antes. Nas aulas de educação física eram sempre exploradas atividades de percepção auditiva para localização, lateralidade, mobilidade entre outras.

Na Sala de Recursos Multifuncionais, as Professoras passaram a trabalhar bastante a questão de percepção e discriminação tátil, destreza manual,

movimentos dos dedos e das mãos, lateralidade, coordenação motora, dentre outras.

No entanto, houve um impasse, pois como nunca antes haviam se deparado com a realidade de trabalhar com alunos cegos, a sensação de incerteza de qual caminho seria o mais adequado e eficaz a ser trilhado se fazia presente. Diante disso, uma das professoras da Sala de Recursos Multifuncionais, assumiu o trabalho diretamente com MGLA e entrou em contato com o CASIES- Centro de Apoio e Suporte à Inclusão da Educação Especial e com o ICEMAT, Instituto dos Cegos do Estado de Mato Grosso, ambos localizados na capital do estado, Cuiabá, para obter orientações e suporte para o trabalho a ser desenvolvido com MGLA.

Esta mesma professora estava fazendo um Curso de Pós-graduação em AEE – Atendimento Educacional Especializado e, em um dos módulos de estudo, o Professor de uma das disciplinas era cego. Com a notícia da vinda deste professor e em virtude de se saber que, até então, com dez anos de idade, MGLA não havia tido contato com nenhuma pessoa que, assim como ele, fosse cego, a professora não mediu esforços em organizar um encontro entre os dois. O que aconteceu numa manhã de sábado e comoveu a todos os presentes. A reação da mãe foi especialmente emocionante, uma vez que ela ficou muito admirada de perceber o grau de autonomia e desenvolvimento que o professor em questão, cego assim como seu filho. Esta percepção descortinou possibilidades que antes ela não percebia para seu filho.

Diante de um cenário de muitas necessidades de promover atividades e ações que pudessem contribuir efetivamente para o desenvolvimento de MGLA, e de se deparar com limites de conhecimento e experiência no trabalho com cegos, a professora da Sala de Recursos passou a pleitear uma visita pessoal ao CASIES e ao ICEMAT, o que se efetivou, para onde seguiu levando consigo MGLA e sua mãe.

No CASIES a recepção foi muito positiva e por lá MGLA fez amigos cegos, e recebeu uma bengala nova, sendo que aquela que ele usava até então era inadequada, na verdade era uma bengala para idosos. Com a nova bengala em mãos, a qual ele batizou de Keila, teve aula de mobilidade pelo espaço do

CASIES e considerou que seria bem melhor se locomover usando um instrumento adequado.

No mesmo dia, no período vespertino, foi realizada a visita ao ICEMAT, onde mais uma vez a mãe de MGLA ficava perplexa ao ver o quanto pessoas nas mesmas condições de seu filho, podiam se desenvolver e alcançar autonomia e realizações que ela considerava que “só acontecessem em filmes e novelas”. Uma pedagoga, cega congênita, que trabalha como alfabetizadora no ICEMAT, presenteou MGLA com um kit para alfabetização em Braille, formado por uma mesa, reglete e punção e um soroban, para auxiliar no estudo da matemática.

Ambas as instituições, CASIES e ICEMAT, também convidaram MGLA para fazer aulas uma vez por mês ou como fosse possível, devido a distância da cidade de Campos de Júlio até a Capital.

Voltando dessa visita, a professora sentiu-se animada, com as informações e experiências novas, passando a trabalhar conforme orientação da pedagoga do ICEMAT, enfatizando bastante a alfabetização em Braille, sendo que focou na leitura para que, posteriormente se direcionasse atividades de escrita com uso do punção e da reglete. Até o final do ano letivo de 2016, foram trabalhadas as letras D, B, C, L e M bem como as vogais, sendo que MGLA conseguiu desenvolver a leitura de várias palavras com estas letras e suas famílias silábicas, tais como: bela, bola, dia, lua, dentre outras, embora muitas vezes com ajuda para localizar o início das linhas e até mesmo das palavras.

No início do ano letivo de 2017, os profissionais que trabalhavam diretamente com MGLA, todos assumiram outras funções e outros profissionais assumiram as atividades com ele, tanto em sala regular, sala de recursos, educação física, como a auxiliar, que passou a ser uma cuidadora. A professora que assumiu a sala de recursos, adotou outra metodologia, priorizando atividades de locomoção e coordenação, acreditando que o Braille deveria ficar para mais tarde.

A despeito de todas as barreiras e dificuldades, avanços foram sendo alcançada com o aluno, uma grande alegria se deu com a descoberta de grande habilidade musical de MGLA, a qual se deu pela escola, ao se utilizar atividades em um teclado musical como instrumento para desenvolver coordenação motora,

uma vez que as mãos do aluno se apresentavam sem muita agilidade.

Ao trabalhar com o aluno, a professora apresentou as notas musicais, ensinando sua localização no teclado e, ao final da primeira aula, a professora tocou um hino, o qual MGLA já conhecia e cantou junto. No dia seguinte, foram retomadas as atividades no teclado que haviam sido praticados no dia anterior e, ao final das atividades, foi dado um tempo livre para que o aluno usasse o teclado como quisesse. Qual foi a surpresa da professora ao perceber que MGLA tentava encontrar as notas do hino que ela havia tocado no dia anterior e, mais ainda, pelo fato dele conseguir “tirar” o hino.

Nesse tempo se encerrou o ano letivo de 2016 e, nosso relato da vida de MGLA e de suas experiências pedagógicas na EMEF Germano Lazaretti, se findam aqui, com o sincero desejo e esperança de que MGLA alce grandes vôos e, de que apesar das limitações e falta de condições, a EMEF Germano Lazaretti e os profissionais direta e indiretamente envolvidos com o aluno em questão, contribuíram, e continuam contribuindo, grandemente para o desenvolvimento de MGLA.

3.1. Formação Do Professor Para Trabalhar Com Aluno Cego No Aee

Conforme o art.8 da Instrução Normativa Nº 01/2015/GS/SME-CJ/MT, da Secretaria Municipal de Educação, no seu parágrafo 2º, letra b, para atribuir aulas em Salas de Recursos Multifuncionais, no município de Campos de Júlio, as exigências são:

b) Na SALA DE RECURSOS MULTIFUNCIONAL, por ordem de prioridade e da contagem de pontos, exigirão professores efetivos com jornada de 25 horas semanais e apresentar:

1. Licenciatura Plena em Pedagogia com Especialização na área de Educação Especial;
2. Licenciatura Plena em Pedagogia com Especialização em Psicopedagogia, Educação Inclusiva ou outras afins;

Como formação inicial específica para atendimento de aluno com deficiência visual ou cegueira, não existe nenhuma exigência pontual. Portanto é de grande importância que aconteça a formação continuada dos professores da educação básica, que atuam com educação especial, pois esta é uma

necessidade contínua, uma vez que seu público alvo é diversificado e, na realidade de Campos de Júlio, existe o agravante da rotatividade de alunos.

Pensar em um professor preparado para cada necessidade específica de alunos especiais que possam ser matriculados nas escolas, seria uma utopia. Acreditamos que, de acordo com o público presente, é preciso buscar a formação adequada.

Por se tratar de um município pequeno, também são encontradas dificuldades em se conseguir formação específica para cada realidade que surge, como, no presente estudo, um aluno cego. Contudo, quando surge à necessidade acredita-se que deveria haver compromisso de todos em viabilizar os meios para formação e capacitação dos profissionais envolvidos bem como a disposição dos profissionais envolvidos em buscar formação adequada.

Em decorrência das dificuldades acima apresentadas e por não haver disponibilização por parte gestão municipal através da Secretaria Municipal de Educação, para que realizasse formação, a professora da Sala de Recursos, que trabalhava diretamente com MGLA buscou ajuda em instituições especializadas, conforme relato no corpo deste trabalho, onde foi orientada em vários aspectos sobre como desenvolver atividades com o aluno. Também houve o convite para que o aluno frequentasse o CASIES e o ICEMAT, contudo não houve a disponibilização de meios para que se efetivassem as idas às instituições, mesmo a professora tendo recorrido a Secretaria de Educação, levando em mãos os convites das duas instituições.

Experiências como a do município de Sorriso no Mato Grosso, de formação continuada organizada para:

...aprofundar estudos, esclarecer dúvidas e compartilhar conhecimentos e estratégias de trabalho com colegas da área. A oportunidade para concretizar essa antiga ideia surgiu em 2013, quando fui convidada para assumir a coordenação de educação especial da Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SMEC) da cidade. Após um ano de planejamento e organização, realizamos a primeira versão do Grupo de Estudos do AEE – uma ação para a formação de professores da sala de recursos multifuncionais (SRM) de toda a rede baseada no estudo de temas específicos e na discussão de casos. (Souza e Neto, 2016)

As formações do grupo de professores de Sorriso, além de estudos

teóricos, incluíam discussões de casos o que resultou em empoderamento dos educadores do AEE bem como contribuiu para a relação com os professores da sala de aula regular. Segundo os mentores dos estudos

A partir do momento em que ofertamos esses espaços de troca e estudo, os ambientes escolares passaram a ser permeados por conteúdos que diminuem a insegurança causada pela falta de conhecimento teórico e de referências práticas de educação inclusiva. (Souza e Neto, 2016)

A maior parte dos professores demonstram dificuldades para lidar com a diversidade dentro da escola e da sala de aula. Por mais que haja disposição, bem como busca de formação, se deparam com vários fatores. Por exemplo, a acessibilidade que deixa a desejar em seu aspecto físico, e também no que diz respeito a recursos humanos, em virtude do despreparo quanto à inclusão escolar, sendo atribuído à formação docente o importante papel de possibilitar a inclusão e permanência de alunos com deficiência no contexto educacional.

Acreditamos então, que não existe outro caminho senão a busca (por parte dos profissionais) e oferta (por parte da escola e da Secretaria de Educação) de formação para se trabalhar com os desafios que se apresentam no espaço da escola. Pensamos que é necessário seguir exemplos como o de Sorriso, e montar grupos de estudo efetivamente comprometidos com buscar conhecimento e viabilizar caminhos para os alunos especiais, o que, com certeza, também trará resultados positivos para todos os alunos da instituição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Agradecemos profundamente a oportunidade de acompanhar uma parte da história de vida e de escolarização de MGLA, o primeiro aluno cego na EMEF Germano Lazaretti e no município de Campos de Júlio.

Dentre tudo que nos foi apresentado e que pudemos vislumbrar, compreendemos que, independentemente da condição individual, todos têm direito à educação e à escolarização. Percebemos, no contato com a família, em especial com genitora, que existe certa resignação diante da condição de MGLA,

o que resulta em pouco compromisso com aspectos simples e importantes, por exemplo, garantir a matrícula e frequência do filho cego na escola regular.

O educando cego, assim como qualquer outro, se percebe inserido no contexto, através dos contatos com o ambiente e os vínculos pessoais que estabelece na escola. Portanto a escola precisa ser um espaço onde o aluno se sinta bem na sala e em todo o espaço da instituição, para que possa questionar, comentar, movimentar-se e tatear.

A valorização das explicações verbais dos conteúdos e a proximidade do aluno cego com os colegas com quem mais se identifica, são caminhos a serem seguidos para viabilizar a aprendizagem. Além disso, na Sala de Recursos Multifuncionais deve garantir o uso de métodos específicos na operacionalização dos trabalhos e trabalhar, efetivamente, os recursos necessários para que MGLA possa avançar em sua caminhada escolar sem prejuízos no seu desenvolvimento.

Afinal, no caso de MGLA, a deficiência é só visual, o potencial cognitivo é enorme e deve ser valorizado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GARCIA, Marilda; MORAES, Bruno; MOTA, Maria da Glória Batista da. **Programa de capacitação de recursos humanos do Ensino Fundamental: deficiência visual Vol. 1** Ministério da Educação: Brasília, 2001. lei 5.692/71

GARCIA, Marilda; MORAES, Bruno; MOTA, Maria da Glória Batista da. **Programa de capacitação de recursos humanos do Ensino Fundamental: deficiência visual Vol. 2** Ministério da Educação: Brasília, 2001. lei 5.692/71

BIAZETTO, Rita de Fátima Carvalho. **As contribuições de Vygotsky para a educação especial na área da deficiência visual**. Secretaria de Estado da Educação. Maringá: dezembro de 2008.

SOUZA, Rosely Alves de e NETO, Danilo Flávio Stefani, **Formação de professores do AEE estimula soluções criativas para a inclusão**, disponível em <https://novaescola.org.br/conteudo/5271/formacao-de-professores-do-ae-estimula-solucoes-criativas-para-a-inclusao>, publicado em 08/06/2016, acesso em 24/07/2017